

<http://www.valor.com.br/empresas/4589739/cenario-turvo>



Por Roberto Rockmann | Para o Valor, de São Paulo



Detentor de uma das maiores reservas de bauxita, alumina e alumínio primário do mundo, o Brasil assiste à desarticulação da longa cadeia produtiva de alumínio, cujo faturamento supera R\$ 50 bilhões. A alta dos custos e a recessão turvam o cenário de curto prazo do setor, que já se tornou importador líquido de alumínio primário e tem uma parte do consumo de transformados atendida por importações chinesas. Mas o consumo do metal poderá crescer ao longo dos próximos anos, diante da demanda de obras de infraestrutura, bens de consumo e indústria automotiva.

Para Milton Rego, presidente executivo da Associação Brasileira do Alumínio (Abal), o setor hoje pode ser visto como um copo meio vazio ou meio cheio. Do lado negativo, o consumo está em queda pelo terceiro ano consecutivo, o país tem desligado altos fornos no alumínio primário e os custos de produção continuam elevados. Do lado positivo, o potencial de consumo ainda é grande. "O Brasil pode retomar o crescimento de 6% ao ano do consumo nos próximos anos, com expansão na indústria automotiva, transporte de cargas, arquitetura, energia e embalagens."



A parte mais visível da vulnerabilidade está nos elos iniciais da cadeia, na produção de alumínio primário. Desde 1985, o país não registra a construção de novas unidades de fabricação, principalmente pelo preço e instabilidade no fornecimento de energia elétrica. Nos últimos 15 anos, o custo da energia elétrica cresceu mais de 10% ao ano,

enquanto o preço do alumínio, que segue a movimentação da Bolsa de Londres, permaneceu praticamente estável. Resultado: desde 2008, houve cinco desligamentos de altos fornos, o que reduziu a capacidade do segmento em mais de 700 mil toneladas, para pouco mais de 750 mil toneladas, quase o mesmo registrado há 30 anos.

Desde 2014, o Brasil se tornou importador líquido de alumínio primário. Em 2004, quando o brasileiro consumia 3,8 kg de metal por ano, cerca de metade do patamar atual, a produção primária de alumínio estava em mais de 1,4 milhão de toneladas, com um consumo de 750 mil toneladas, sendo o país exportador de alumínio primário. Em dez anos, o Brasil perdeu a autossuficiência da produção. Nesse contexto, a Câmara de Comércio Exterior (Camex) tem trabalhado com isenção de impostos sobre importação de alumínio primário. A redução vale para um máximo de 650 mil toneladas do produto adquirido no exterior.

"O Brasil tem reservas de alta qualidade de bauxita e de alumina, mas perdeu sua competitividade em alumínio primário, tendo de atender parte do consumo com desenvolvimento de cotas de importação para não estrangularmos nossos clientes. Se o consumo tivesse crescido ainda mais, diante da queda da capacidade de produção, esse fosso para atender a demanda seria maior", destaca o presidente da Novelis, Tadeu Nardocci.

O aumento da reciclagem, alternativa à produção de alumínio a partir da bauxita, foi outra saída das empresas, diante de um cenário de aumento de custos. Estimativas de mercado apontam que cerca de 30% do consumo doméstico do país é proveniente de material reciclado.

Com o ganho de importância, a cadeia de reciclagem se adensa, aproveitando a sucata para fazer produtos de maior valor agregado. A ReciclaBR iniciou a construção de uma nova planta de reciclagem e beneficiamento de alumínio na cidade de Paranaíba (MS), que ficará pronta em 2017. Em paralelo, investe na distribuição de produtos semi-acabados de alumínio e na fabricação de perfis extrudados de alumínio.

O mercado está de olho na China, que nas duas últimas décadas se tornou o fiel da balança na oferta e demanda do metal no mundo. Há 15 anos, o país asiático produzia sete milhões de toneladas de alumínio; hoje fabrica mais de 32 milhões de toneladas. Ano passado, houve uma queda de 20% da cotação do produto diante das incertezas em relação à segunda maior economia do mundo. Em seu balanço divulgado em abril, a Alcoa revisou a projeção de crescimento do mercado mundial para 5%, ante os 6% previstos no fim de 2015.

"Aqui no Brasil a recuperação da economia depende da retomada do ânimo do consumo e dos investimentos, lá fora a incerteza se refere a como os chineses irão se comportar em relação à oferta de metal, mas a tendência é de que no médio e longo prazo haja um equilíbrio entre oferta e demanda e os preços melhorem", destaca Ricardo Carvalho, presidente da CBA. O aumento da importância chinesa tem também outro impacto no mercado brasileiro: as importações. Em 2015, o Brasil adquiriu pouco mais de 600 mil toneladas de alumínio e produtos, sendo que 13% do total vieram do maior país asiático.

Apesar dos percalços, há sinais positivos. Potencial de crescimento existe no setor automotivo, seja em automóveis, seja em caminhões. Por ser leve e altamente reciclável, o alumínio ganha espaço nos veículos como forma de reduzir o peso da carroçaria, o que diminui o consumo de combustíveis, a emissão de gases de efeito-estufa e permite maior carregamento de carga em caminhões.

Ao estabelecer medidas para aumentar a eficiência energética do veículo em 12% e reduzir a emissão de dióxido de carbono, o regime chamado de Inovar Auto abre oportunidades. Para ampliar presença no segmento e no de embalagens, a Novelis concluiu em 2014 um investimento de US\$ 450 milhões em sua unidade Pindamonhagaba (SP), o que fez sua produção de laminados crescer 50% e chegar a 620 mil toneladas. "A primeira fase do Inovar Auto teve foco na eficiência dos motores, se uma segunda fase avançar para maior redução do consumo de gás carbônico, o alumínio será a solução usada pelas montadoras para reduzir as emissões e isso ampliará os pedidos", afirma o presidente da Novelis, Tadeu Nardocci.

Oportunidades existem no setor elétrico, seja no fornecimento de fios e cabos para as áreas de distribuição e transmissão de energia elétrica, seja nas encomendas de painéis fotovoltaicos. Em transmissão, depois de uma fase de preocupação, há otimismo. Entre 2004 e 2011 houve apenas três ocasiões em que um lote de linha de transmissão não foi contratado devido à falta de interessados no leilão, segundo estudo do [Instituto Acende Brasil](#).

Já nos últimos anos a ocorrência de "lotes vazios" tornou-se rotina: foram três em 2012, 10 em 2013, 12 em 2014 e 15 dos 24 lotes ofertados em 2015. Neste ano, no leilão realizado em abril, após aumento da taxa de retorno, 14 lotes foram arrematados e players tradicionais como Alupar e Taesa voltaram a ganhar contratos. "Esse foi um sinal positivo e já estamos conversando com os vencedores do certame sobre nossos produtos", diz Ricardo Figueiredo, diretor executivo da Alubar, que elevou capacidade de laminados de 30 mil toneladas para 50 mil toneladas em 2014, após investimento de US\$ 25 milhões.

O avanço da energia solar também poderá representar um nicho de expansão. Em 2024, a fonte poderá representar 3% da matriz (hoje as usinas solares respondem por menos de 0,1%). A Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) prevê que até 2024 cerca de 1,2 milhão de unidades consumidoras passem a produzir sua própria energia, totalizando 4,5 gigawatts (GW) de potência instalada. A CBA já desenvolveu kits para painéis fotovoltaicos, com solução de pronta para montagem. "Esse é um segmento que pode ter um crescimento importante", afirma Ricardo Carvalho, presidente da empresa.